O GRAU NA INTERFACE MORFOLOGIA-LINGUÍSTICA TEXTUAL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA BASEADA NO USO DA LÍNGUA

Simone Márcia da SILVA

RESUMO: *No presente artigo discutiremos, primeiramente, acerca das características morfológicas que permeiam o grau – diminutivo e aumentativo – no Português do Brasil e, para isso, buscaremos verificar algumas diferentes abordagens desse conteúdo, partindo da visão de alguns estudiosos da tradição gramatical (Cf. CUNHA & CINTRA, 2008 e BECHARA, 2009), para, em seguida, olharmos como alguns linguistas propuseram o tratamento do tema abordado (cf. BYBEE, 1985 e GONÇALVES, 2019). Nosso objetivo, com este trabalho, é propor uma sequência didática, a ser trabalhada nas salas de aula, de forma que os alunos aprendam sobre o grau de um modo mais realista, no que tange ao uso efetivo da língua, partindo, desse modo, de dados reais e, portanto, dos mais diversos significados que a aplicação do aumentativo e/ou diminutivo pode carregar a depender do contexto no qual as palavras, no aumentativo e/ou no diminutivo, estiverem inseridas. Para a nossa proposta de sequência didática, tomaremos como base o tratamento que Bybee (1985) e Gonçalves (2019) destinaram ao grau, visto que também acreditamos que a definição de grau como uma categoria que não é prototípica da flexão e, tão pouco, prototípica da derivação, mas que sim, se situa em um continuum derivação – flexão é mais econômica, garantindo uma definição de grau coerente aos usos reais da língua no que concerne à aplicação do diminutivo e/ou aumentativo em contextos variados.*

PALAVRAS CHAVE: G*rau morfológico. Morfologia. Sequência didática. Linguística.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DAS ABORDAGENS SOBRE O GRAU DIMINUTIVO E AUMENTATIVO

O grau, diminutivo e aumentativo, corresponde a um dos aspectos morfológicos que, para os linguistas, (cf. BYBEE, 1985 e GONÇALVES, 2019) não deve ser analisado como processo prototípico da derivação ou da flexão, mas sim a partir de um *continuum* e, mais ainda, defende-se, neste caso, a relevância do uso das palavras no aumentativo e/ou no diminutivo a partir de contextos sociais, de uso da língua, nos quais esses vocábulos podem e vão significar muito mais do que tamanho (grande – aumentativo e pequeno – diminutivo), quando inseridos no enunciado. Gonçalves (2019) define, desse modo, que o grau corresponde a um recurso usado para efeitos de focalização ou ênfase, sendo a gradação, portanto, uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes.

Por outro lado, Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009), no contexto da tradição gramatical, ao tratar do grau, entendem que a categoria corresponde a um processo da derivação, não levando em consideração a gradiência que o grau apresenta entre a derivação e a flexão, verificado a partir de aspectos morfossintáticos e semânticos como a relevância sintática, os meios de materialização, a aplicabilidade, a posição da cabeça lexical, a mudança de classe, entre outros critérios. Há, ainda, outros estudiosos da tradição gramatical, sobre os quais não nos debruçaremos neste artigo, pois não é o objetivo do trabalho, que consideram o processo do grau como uma categoria morfológica a serviço da flexão, mas, da mesma forma, não consideram, para isso, a gradiência dos aspectos morfossintáticos e semânticos entre a flexão e a derivação que, no geral, as palavras no aumentativo e no diminutivo representam. Esses estudiosos, no que concerne à função semântico-pragmática do objeto de estudo, ora salientam somente para o significado

relativo ao tamanho, grande e pequeno, ora citam, de forma bastante sucinta, a possibilidade de essas palavras apresentarem significados subjetivos.

Neste trabalho, portanto, buscaremos conceituar e situar o grau no *continuum* flexão-derivação a partir da proposta de Bybee (1985) e Gonçalves (2019) para, em seguida, baseados em Vieira (2017) propor uma abordagem do tema, em sala de aula, que, primordialmente, leve em conta a unidade textual no ensino de gramática nas escolas, respeitando, assim, os três eixos e sua ordem no processo de ensino-aprendizagem: (i) elementos que permitem a abordagem reflexiva da gramática; (ii) recursos expressivos na construção do sentido do texto e (iii) instâncias de manifestação de normas e variedades. Para isso, partiremos, antes de apresentar uma nova abordagem do conteúdo em questão, da proposta apresentada em um livro didático atual, que é o *Ser protagonista*, de volume único, mas dividido em 2 (duas) partes. O conteúdo referente ao grau está disposto na parte II do livro didático, destinado aos alunos do 2º ano do Ensino Médio.

O GRAU PARA A TRADIÇÃO GRAMATICAL

A tradição gramatical trata o grau como um processo de derivação de palavras, sem questionar as possíveis características que, por vezes, aproxima o grau do processo de flexão (Cf. CUNHA & CINTRA, 2008 E BECHARA, 2009). Nesse caso, os estudiosos não levam em consideração, no momento de categorizar o objeto de estudo, a possibilidade de este se situar em um *continuum* em que nas extremidades estariam a derivação e a flexão.

No que concerne ao valor semântico que os vocábulos no diminutivo e/ou no aumentativo podem assumir, a depender do enunciado no qual estiverem inseridos, os gramáticos, na maior parte da descrição, tendem a recorrer ao sentido de grande, para o aumentativo e pequeno para o diminutivo, generalizando, por assim dizer, esses dois significados. No geral, não consideram os vários contextos em que as palavras no diminutivo e/ou no aumentativo apresentam valores subjetivos e diversos, como é possível verificar, por exemplo, com a palavra 'gentinha'. No caso de 'gentinha', o sufixo *-inha* contribui para o valor semântico de "pessoas complicadas de lidar, que tem um trato difícil", bem distante de significar "gente/pessoa desprezível'.

Para Cunha & Cintra (2008), "os prefixos e sufixos formam novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante" e, nesse caso, os sufixos de grau também se comportam. Desse modo, os estudiosos defendem que não haverá mudança de significado da base ao se inserir ao radical da palavra um sufixo no aumentativo ou no diminutivo; contudo, não é o que ocorre no caso das palavras lexicalizadas, como 'sapatão', que não remete a um "sapato grande", como era de se esperar a partir da definição do grau proposta por esses gramáticos, mas sim às "mulheres que optam por se relacionar com outras mulheres".

Bechara (2009), por sua vez, entende, também, que "o grau corresponde a um processo da derivação, por não ser processado de forma sistemática, coerente e obrigatória em toda uma classe homogênea como acontece na flexão", podendo, ainda, se manifestar de forma sintética, em que é acrescido ao radical das palavras o sufixo, no diminutivo ou no aumentativo ('homenzinho' e 'homenzarrão') ou analítica, que consiste no emprego de uma palavra de aumento ou de diminuição junto ao substantivo: 'homem grande' e 'homem pequeno'. No que concerne ao valor semântico que as palavras no aumentativo e no diminutivo podem apresentar, a depender do enunciado em que estiverem inseridas, o

gramático defende a existência de "aumentativos e diminutivos afetivos" e salienta, nesse momento, que essas formas (aumentativo e diminutivo) podem traduzir o nosso desprezo, crítica, pouco caso para certos objetos e pessoas, mas sempre em função da significação lexical da base.

O GRAU PARA OS LINGUISTAS

Bybee (1985) propõe a construção de um *continuum* flexão-derivação porque, para a estudiosa, "essas duas morfologias não envolvem oposição discreta, mas gradiente". A proposta de Bybee (1985) consiste na formulação de uma escala de prototipicidade e na identificação dos matizes caracterizadores dos exemplos modelares desses dois tipos de operações morfológicas. Diante dessa perspectiva, Gonçalves (2001, 2002 e 2005) e Piza (2002) testam a análise nas marcas de gênero, número e grau no português e mostram que, de fato, não é plausível agrupar essas marcas morfológicas de forma estanque como flexional ou derivacional.

No que concerne ao grau, que é o objeto de estudo deste trabalho, há algumas evidências materializadas em aspectos morfossintáticos e semânticos do português que sugerem ser a análise entre flexão e derivação através do *continuum* mais econômica, são eles:

(a) Relevância sintática - na flexão há obrigatoriedade sintática e na derivação não há, como em 'cachorr**a** bonit**a**' x 'cachorr**inha** bonit**inha**'. Neste caso, o grau se aproxima da derivação;

(b) Meios de materialização - no grau não há obrigatoriedade sintática, pois não se faz referência a um fenômeno como a concordância. No diminutivo 'tigel**inha**, as formas 'pequena tigela', 'tigela de proporção diminuta' são sinônimos. Desse modo, o grau está mais próximo, novamente, da extremidade da derivação;

(c) Aplicabilidade - os sufixos no português são mais aplicáveis do que a marca de gênero feminino, por exemplo: 'cinquent**ão**', 'aquela**zinha**', ced**ão**', dez**inho**', é possível acrescentar afixos de grau a praticamente todos os nomes da língua. Desse modo, diante deste critério, o grau estaria mais próximo à extremidade da flexão;

(d) Posição da cabeça lexical - todas as construções morfológicas de grau têm núcleo posicionado à esquerda, assemelhando-se às flexões e distanciando-se dos demais sufixos do português. Em 'mulherz**inha**' e 'mulher**ão**', por exemplo, a cabeça lexical é base, partindo dali a interpretação de 'mulher x', que pode expressar carga emocional variada;

(e) Mudança de classe - na flexão, base e produto apresentam a mesma especificação categorial e, nesses aspectos, as marcas de grau novamente se aproximam da de gênero feminino e número plural, pois o acréscimo de um sufixo gradativonão altera a categoria lexical da palavra matriz: 'até logu**inho**', 'dormid**inho**', 'essaz**inha**';

(f) Estabilidade semântica - o significado dos afixos derivacionais podem mudar de uma palavra para outra, o que não ocorre na flexão, em que um formativo não pode apresentar variabilidade semântica: "ele bateu um 'prat**ão**' de arroz com feijão", que é sinônimo de "ele comeu bem, comeu muito";

(g) Excludência e reaplicação - na flexão ao aplicar um elemento, os outros são excluídos, porém, com os sufixos de grau, isso não ocorre, podendo mais de um elemento ser aplicado: 'roup**ãozinho**' e 'salgad**inhão**';

(h) Lexicalização - muda totalmente o significado da base. É possível encontrar usos figurados de aumentativos e diminutivos: 'cebol**inha**' (tempero) e 'caipir**inha**' (bebida).

A partir dos aspectos morfossintáticos e semânticos supracitados e que foram utilizados para verificar como o grau se comporta no que concerne ao processo de formação de palavras por derivação e por flexão, Gonçalves (2019) propõe o quadro a seguir, que mostra, de fato, a gradiência que o objeto de estudo apresenta, não sendo, portanto prototípico da derivação, como Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009) propuseram, e, tão pouco, da flexão, como outros estudiosos da tradição gramatical acreditam.

	Flexão	Derivação
Relevância sintática		+
Meio de materialização		+
Aplicabilidade	+	
Posição da cabeça lexical	+	
Mudança de classe	+	
Estabilidade semântica		+
Excludência/recursividade		+
Lexicalização		+

Quadro 1: comportamento das marcas de grau em relação aos critérios empírico – Gonçalves (2019, p. 108).

O Quadro 1, proposto por Gonçalves (2019), mostra, de forma clara, como o grau se comporta frente aos critérios empíricos, não sendo prototípico de nenhum dos dois processos de formação de palavras, seja a derivação ou a flexão. Desse modo, pautados na proposta de Bybee (1985) e Gonçalves (2019), é possível situar no centro de um *continuum* Flexão-Derivação.

O grau, como pudemos verificar, a partir do *continuum* proposto por Gonçalves (*op. cit.*), situa-se mais próximo à extremidade da derivação, por apresentar características, em sua totalidade, mais semelhantes a esse processo de formação de palavras, mas não é prototípico da derivação, uma vez que também possui comportamentos que o aproximam da flexão, são estes a aplicabilidade, a mudança da cabeça lexical e a mudança de classe.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentamos as premissas que sustentam o grau como uma categoria gradiente entre os processos de formação de palavras da derivação e da flexão, proposto por Bybee (1985) e Gonçalves (2019) que, por sua vez, pontuam também para os mais diversos significados que uma palavra, estando no diminutivo e/ou no aumentativo, pode apresentar, a depender do enunciado onde estiver inserida. Finalmente, discutimos,

pautados em Vieira (2017), uma proposta de ensino-aprendizagem, respeitando os três eixos – (i) elementos que permitem a abordagem reflexiva da gramática; (ii) recursos expressivos na construção do sentido do texto e (iii) instâncias de manifestação de normas e variedades – para o tratamento do grau em sala de aula.

Gonçalves (2019) indica que, de todas as variações formais dos nomes, as de grau (diminutivo, aumentativo e intensidade) são as mais controversas na literatura sobre o português, visto que as abordagens não se mostram coerentes no que diz respeito à categorização morfológica do objeto de estudo e, também, em relação à determinação dos significados que veiculam. Para Gonçalves (2019), o grau corresponde a um "recurso usado para efeitos de focalização ou ênfase. A gradação é uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes".

Bybee (1985) salienta que a flexão e a derivação não envolvem oposição discreta, mas gradiente, sendo interpretadas como polos prototípicos de um *continuum*. Desse modo, Gonçalves (2019) defende que, para que um formativo seja representante modelar de uma das categorias – flexão ou derivação – deve portar todos os atributos definidores da mesma e, à medida que deixa de satisfazer os requisitos, distancia-se do ideal prototípico, localizando-se, assim, mais ao centro da escala, como é o caso do grau que, dos 8 (oito) critérios morfossintáticos e semânticos testados, apresenta comportamento, em 3 (três) deles, comum à flexão e em 5 (cinco) deles comum à derivação.

Por ocuparem posições mais ao centro na escala de prototipicidade, como defende Gonçalves (2019), as marcas morfológicas de grau apresentam menor pertencimento à classe flexão, mas também não são representantes modelares da categoria derivação, comportando-se como sufixações de limites movediços e dai provem a dificuldade de categorização e a necessidade de situar a partir de um *continuum*.

A fim de evitar o tratamento meramente instrumental do componente linguístico, que serviria apenas para instaurar práticas linguísticas de leitura e produção textual, a abordagem da metalinguagem como um fim em si mesmo ou, ainda, da norma como um padrão homogêneo e artificial, sem reflexão linguística, Vieira (2017) propõe a articulação entre orientações diversas para o tratamento pedagógico do componente linguístico, construindo, assim, uma abordagem mais produtiva da gramática em sala de aula.

Para Vieira (2017), baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a unidade textual, em toda a sua diversidade de tipos e gêneros, deve ser o ponto de partida e de chegada das aulas de português, mas não se pode negar, também, que os elementos de natureza formal, relativos aos diferentes níveis da gramática, são essenciais para a construção do sentido, em nível micro ou macroestrutural. Dessa forma, para que tais elementos sejam reconhecidos e manejados como matéria produtora de sentido, eles, obviamente, precisam ser tratados como objeto de ensino, a partir, contudo, de uma abordagem reflexiva da gramática e sistematizada na medida e no momento oportuno.

Com o objetivo de trabalhar a gramática de forma articulada aos gêneros, levando, portanto, a unidade textual em consideração, Vieira (2017) propõe a conjugação de três eixos de aplicação do ensino de gramática nas aulas de língua portuguesa: (i) elementos que permitem a abordagem reflexiva da gramática; (ii) recursos expressivos na construção do sentido do texto e (iii) instâncias de manifestação de norma/variedade. Essa proposta baseia-se no entendimento do trabalho com as estruturas gramaticais – por meio de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas – como decorrente do reconhecimento das construções linguísticas como matéria produtora de sentido.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste artigo, trabalhamos com o gênero *meme* e a manchete. O *meme*, especialmente, está bastante inserido na *internet* e muito difundido entre jovens e adultos. Como nossa proposta didática é trabalhar com adolescentes do 2º ano do Ensino Médio, que tem entre 15 e 16 anos de idade, entendemos que os gêneros escolhidos nos dariam a possibilidade de articular de forma satisfatória o texto e a comunicação real ao conteúdo gramatical que deve ser aplicado. Sendo assim, enquanto procedimento metodológico, realizamos as seguintes etapas:

i. A coleta de 29 (vinte e nove) *memes* e 4 (quatro) manchetes, totalizando 33 (trinta e três) dados;

ii. Todos os dados foram coletados da *internet*, retirados do *Google* imagem;

iii. Foi realizada a análise qualitativa dos dados, a fim de verificar o valor semântico do grau (aumentativo e diminutivo) a depender do contexto em que estivesse inserido.

PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO GRAU EM SALA DE AULA

Como o grau é apresentado no livro didático

O conteúdo acerca do grau, no livro didático *Ser protagonista*, é desenvolvido no capítulo que trata sobre o sujeito, no qual uma seção é destinada a trabalhar o grau (aumentativo e diminutivo), numa sequência:

i. Apresenta a definição da tradição gramatical acerca do grau.

"*os substantivos apresentam grau* ***aumentativo*** *e* ***diminutivo****, que se expressam, no nível morfológico, por meio do acréscimo de sufixos e no nível sintático pela relação com palavras que indicam dimensão, como grande e pequeno e outras equivalentes.*"

(Livro didático *Ser protagonista*, p. 179)

ii. Questões contextualizadas, solicitando ao aluno que indique qual a relação semântica que as palavras no aumentativo ou no diminutivo exprimem no interior do texto.

"*O cachorro saiu de dentro da garagem. Era pequenino e branco, uma orelha em pé e a outra completamente caída.*

- Sente-se aí, Biruta, que vamos ter uma conversinha – Disse Alonso, pousando a bacia ao lado do tanque, ajoelhou-se, arregaçou as mangas da camisa e começou a lavar os pratos (...)"

Questão:

"*Ao chegar ao quintal, Alonso diz a Biruta que eles terão uma conversinha. O que o grau diminutivo, na palavra conversa, denota nesse contexto?*"

(Livro didático *Ser protagonista*, p. 182)

iii. Definição de grau que leva em conta o contexto no qual as palavras no aumentativo e/ou diminutivo estão inseridas para a compreensão do significado que exprimem no enunciado.

"*O emprego dos graus aumentativo e diminutivo (expressos, sobretudo, pelos sufixos) muitas vezes confere às palavras sentidos associados aos afetos – positivos ou negativos – revelando um posicionamento ou estado de espírito do enunciado a respeito do que fala ou escreve.*"

(Livro didático *Ser protagonista*, p. 183)

Neste momento, abandona-se o conceito de dimensão, que é associado ao grau e que, de certa forma, está descontextualizado, ainda que no início da apresentação do conteúdo gramatical, no livro didático, tenha sido aplicada a definição semântica de grau como sufixos que expressam tamanho (grande e pequeno), seguindo o que, em geral, é previsto pela tradição gramatical.

Crítica à sequência didática do livro didático *Ser protagonista*

O livro didático *Ser protagonista* apresenta, no geral, o conteúdo acerca do grau de forma contextualizada, isto é, levando em consideração o enunciado no qual as palavras no diminutivo e/ou no aumentativo estão inseridas, como foi possível verificar a partir da etapa (ii) cumprida no livro e que descrevemos anteriormente. Essa estratégia vai ao encontro do que Vieira (2017) sugere, que é o ensino de gramática a partir da unidade textual, de forma que o aluno entenda o funcionamento da língua e não que se priorize o ensino de gramática encerrado em si, descontextualizado.

Ainda que a etapa (ii), que corresponde à aplicação de atividades proposta no livro didático *Ser protagonista*, tenha sido desenvolvida de modo satisfatório, algumas questões não foram abordadas nesse livro tendo em vista, efetivamente, o processo de ensino-aprendizagem de modo contextualizado. A apresentação, inicialmente, de uma definição do grau que não será útil ao aluno, nem mesmo para trabalhar nas questões que foram

propostas posteriormente, por exemplo, pode gerar dúvidas e dificuldades, além de ser um trabalho de metalinguagem que se encerra em si.

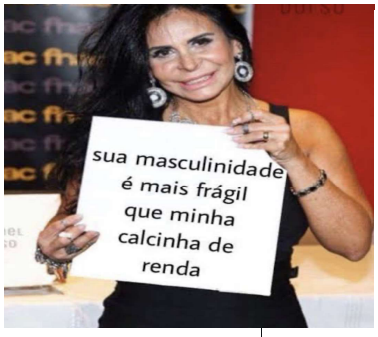
É interessante que se parta do texto para só, posteriormente, propor definições acerca do conteúdo, pois não é produtivo que a metalinguagem seja exposta e se encerre em si, o aluno precisa entender a aplicabilidade do conteúdo a partir da produção textual. Além disso, não foi apresentada nenhuma questão em que a palavra estivesse lexicalizada para mostrar aos alunos que o grau também pode fazer com que as palavras percam totalmente a relação com o significado da base, relacionando-se a outros referentes, como 'camisinha', que não remete a "camisa pequena'", mas a "preservativo".

Finalmente, a proposta de definição final do que corresponderia ao grau, levando em consideração o contexto, a produção textual, não foi apresentada de forma que incitasse uma reflexão por parte do aluno, fazendo-o, por exemplo, contestar a definição inicial, que relacionou grau diretamente ao referencial de dimensão (grande e pequeno).

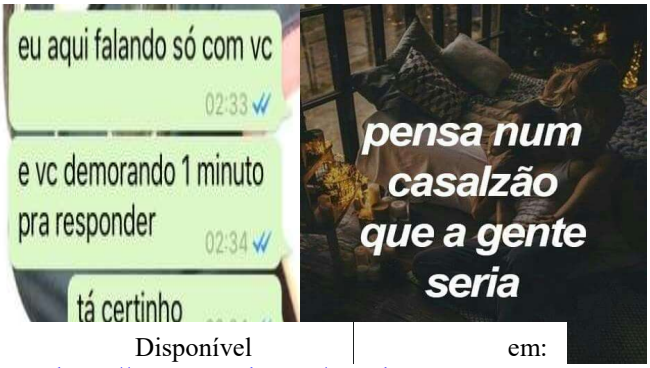
Proposta de sequência didática para o processo de ensino-aprendizagem do grau

Nossa proposta, que está pautada na definição de grau proposta por Bybee (1985) e Gonçalves (2019) e no processo de ensino-aprendizagem de conteúdos gramaticais, desenvolvido por Vieira (2017), sugere que se parta sempre do texto, para depois construir, junto com o aluno, uma definição. Desse modo, as etapas seguidas serão:

i. Antes de construir qualquer definição para grau, apresentar à turma enunciados nos quais o grau das palavras contribua para a construção do sentido da mensagem, incitando-os a pensar nesses sentidos.



Disponível em: <https://www.google.com/search?source=hp&ei=GOmqXoLTD86_5OUPgL1oA0&q=sua+masculinidade+%C3%A9+mais+fr%C3%A1gil+que+minha+calcinha+de+renda&oq> Acesso em abril 2020.



Disponível em: <https://www.google.com/search?q=pensa+num+casalz%C3%A3o+que+a+gente+seria> Acesso em abril 2020.

Nesses casos, os alunos, iriam verificar, a partir da leitura dos *memes* acima, ainda que inicialmente sem definir gramaticalmente, a lexicalização que ocorre na palavra

'calcinha', que nada tem a ver com uma calça pequena, mas sim a uma roupa íntima feminina, a ironia no vocábulo 'certinho' e o exagero em 'casalzão'.

ii. Propor atividades em que os alunos sejam orientados a identificar os sufixos de grau, no que tange à morfologia, ao mesmo tempo que devam perceber o valor semântico que essas palavras exprimem no contexto em que estão inseridas.

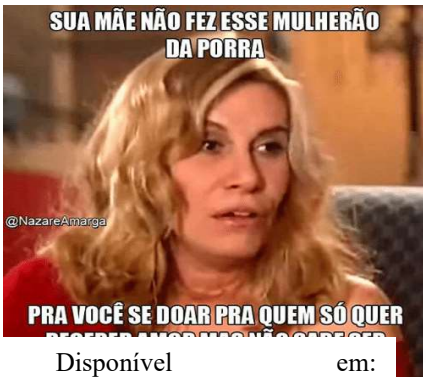
Disponível em: <https://www.google.com/search?source=hp&ei=GOmqXoLTD86_5OUPgL1oA0&q=sua+masculinidade+%C3%A9+mais+fr%C3%A1gil+que+minha+calcinha+de+renda&oq> Acesso em abril 2020.

Disponível em: <https://www.google.com/search?source=hp&ei=GOmqXoLTD86_5OUPgL1oA0&q=sua+masculinidade+%C3%A9+mais+fr%C3%A1gil+que+minha+calcinha+de+renda&oq> Acesso em abril 2020.

iii. Trabalhar a questão da lexicalização semântica das palavras, a partir do acréscimo dos sufixos de grau, apresentando palavras lexicalizadas em relação a outras que não estão.

Disponíveis em: <https://www.google.com/search?q=docinho+brigadeiro> Acesso abril 2020.

iv. Em sequência é interessante propor atividade de comparação das mesmas palavras, com sufixos de grau, mas que inseridas em contextos diferentes, exprimem sentidos completamente distintos, solicitando ao aluno que indique esses significados.



Disponível em: <https://www.google.com/search?q=sua+m%C3%A3e+n%C3%A3o+fez+esse+mulher%C3%A3o+da+porra+&tbm> Acesso em abril 2020.

Disponível em: https://www.google.com/search?q=cleo+pires%2C+mulher%C3%A3o+e+menininha+brilha+na+playboy&tbm=isch&ved=2ahUK Acesso em abril 2020.

Finalmente, encerra-se a apresentação do conteúdo gramatical com a metalinguagem, a partir da definição de grau (aumentativo e diminutivo), baseado nos mais diversos contextos de uso, associando o conteúdo da linguística formal à linguística textual.

v. "*Categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou alguma de suas partes.*"

(Gonçalves 2019, p. 98)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grau, como apontam Bybee (1985) e Gonçalves (2019), não deve ser tratado como uma categoria estanque da derivação ou da flexão, mas sim através de uma gradiência, visto que apresenta características de ambos os processos; sendo, portanto, relevante repensar o tratamento que Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009) destinam ao grau enquanto prototípico da derivação.

Foi possível encontrar os mais diversos significados e atitudes subjetivas das palavras no aumentativo e no diminutivo, a depender do enunciado no qual estivessem inseridas, por isso a importância de associar a morfologia do grau à linguística textual. É necessário, desse modo, que se revise o processo de ensino-aprendizagem proposto nos manuais didáticos, a fim de que a aprendizagem seja enriquecedora e faça parte do contexto de uso dos indivíduos, ao invés de se encerrar na metalinguagem.

Finalmente, é possível, a partir do que sugere Vieira (2017), propor o ensino do grau a partir da conjugação dos três eixos: (i) elementos que permitem a abordagem reflexiva da gramática; (ii) recursos expressivos na construção do sentido do texto e (iii)

instâncias de manifestação de normas e variedades. Assim, o aluno entenderá o conceito formal a partir do uso efetivo da língua.

THE DEGREE IN THE TEXTUAL MORPHOLOGY-LINGUISTIC INTERFACE: A DIDACTIC PROPOSAL BASED ON THE USE OF LANGUAGE

ABSTRACT: *Our objective, with this work, is to propose a didactic sequence, to be worked on in the classrooms, so that students learn about the degree in a more realistic way, with regard to the effective use of the language, thus starting from of real data and, therefore, of the most diverse meanings that the application of the augmentative and / or diminutive can carry depending on the context in which the words, in the augmentative and / or the diminutive, are inserted.*

KEYWORDS: *Morphological degree. Morphology. Didactic sequences. linguistics.*

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. Ed. rev., ampl. E atual. Conforme o novo código ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, Joan L. *Morphology – A study of the relation between meaning and form* .Amsterdan/Philadelphia: Johns Benjamins PublishingCompany, 1985.

CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Flexão e Derivação. 1. ed. In: ---. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

VIEIRA, R. S. *Três eixos para o Ensino de Gramática*. 1. Ed. org. Silvia Rodrigues Vieira. In: Gramática, Variação e Ensino. Diagnose & Propostas Pedagógicas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.